

DEVER DE CASA: QUESTÕES EM TORNO DE UM CONSENSO¹

RESENDE, Tânia F. – FaE/UFMG – taniarese@fae.ufmg.br

GT: Sociologia da Educação – n. 14

Agências Financiadoras: PRPq/UFMG; CNPq; FAPEMIG

1. Introdução

Neste trabalho serão discutidos resultados parciais de uma pesquisa sobre concepções e práticas escolares e familiares em relação ao dever de casa. Destacar-se-á um conjunto de dados que indicam um consenso, entre as famílias investigadas, em torno da importância dos deveres e do seu acompanhamento pelos pais, no processo de escolarização. Tem-se, como objetivos, apresentar esses dados, confrontá-los com outros resultados de pesquisa e problematizar, a partir de contribuições teóricas da Sociologia da Educação, seus possíveis significados. Considera-se que tal proposta ganha relevância à medida que, para além do dever de casa propriamente dito, procura-se colocar em discussão os próprios sentidos da escolarização na sociedade contemporânea.

O dever de casa é aqui considerado como toda atividade pedagógica elaborada e proposta por professores, destinada ao trabalho dos alunos fora do período regular de aulas (Franco, 2002). Inclui, assim, exercícios escritos, leituras, pesquisas, resolução de problemas, atividades práticas, dentre outras. Dessa forma, o dever de casa é, por um lado, um dos dispositivos curriculares por meio dos quais a escola concretiza seu trabalho pedagógico. Por outro lado, como tarefa a ser realizada geralmente em casa, ele permeia também o cotidiano das famílias, redefinindo, em certa medida, o lar como uma extensão da sala de aula e constituindo, para alguns autores, o principal meio de interação família-escola (Carvalho, 2001).

A prescrição de atividades escolares a serem realizadas no espaço doméstico e o envolvimento da família com tais tarefas não constituem uma especificidade dos tempos atuais. Entretanto, é a partir das últimas décadas do século XX que se vai observar um movimento mais intenso de imbricação entre família e escola, tanto com relação às práticas quanto nos âmbitos dos discursos e das políticas. Tal movimento resulta de

¹ Este trabalho decorre de projeto de pesquisa vinculado a um Projeto Integrado de Pesquisa do Observatório Sociológico Família-Escola (OSFE/FaE/UFMG). O Projeto Integrado contou com financiamento do CNPq e da FAPEMIG e o projeto específico do qual decorre este trabalho foi financiado diretamente pela PRPq/UFMG, por meio do Programa de Auxílio para a Pesquisa dos Recém-Doutores.

novas dinâmicas sociais que levam a transformações simultâneas nas estruturas e nos processos familiares e escolares (Nogueira, 2005). No bojo dessas transformações, em um contexto de competitividade econômica e de valorização do capital escolar, tende-se a uma ênfase cada vez maior na prescrição dos deveres de casa e em seu acompanhamento pelas famílias, como importantes fatores de sucesso escolar (Carvalho e Burity, 2005).

Porém, se a intensificação das relações entre família e escola não se dá sem contradições e tensões (Nogueira, 2005), as questões relativas ao dever de casa parecem ocupar um lugar importante como foco de dificuldades. Envolvem aspectos diversificados como, dentre outros, a divisão de trabalho entre escola e família, a dosagem da quantidade de dever, a maior ou menor continuidade normativa entre os espaços doméstico e escolar, o sentido das atividades para o estudante, a desigualdade de condições de acompanhamento dos deveres entre diversas famílias. Nesse contexto, o dever de casa tem se tornado alvo freqüente de polêmicas, ganhando espaço em publicações voltadas para o grande público e para professores da educação básica², bem como em trabalhos acadêmicos ou científicos³.

A partir desse panorama, a pesquisa que subsidia o presente trabalho propôs investigar as concepções e as práticas familiares e escolares em torno do dever de casa, apoiando-se em vertentes da sociologia das relações família-escola e da sociologia do currículo e enfocando as camadas médias e as populares. O trabalho de campo realizou-se em duas etapas, tomando como base turmas de 3ª série de três escolas de Belo Horizonte: dois colégios privados, de prestígio significativo na cidade, que atendem a alunos de camadas médias (aqui chamados de Colégios Lua e Estrela), e uma escola pública estadual, com alunos de camadas populares, moradores de um dos maiores aglomerados da cidade (Escola Sol)⁴. Na primeira etapa, buscando-se apreender as

² Paula (2000: anexo 4) faz um levantamento de publicações variadas que tratam do dever de casa, cujos títulos sugerem o caráter polêmico do tema. Exemplos: “Lição de casa funciona?” (Nova Escola, maio 1999); “Lição de casa é mesmo uma boa?” (Revista Querida, ago. 1991).

³ Embora a produção científica brasileira em torno do dever de casa seja ainda muito limitada, uma busca na bibliografia especializada indica o surgimento de certo interesse pela temática, localizando-se estudos como os de: Rodrigues (1996); Junqueira (1997); Nogueira (2002); Carvalho (2000; 2004); Paula (2000); Franco (2002); Sakamiti (2003); Carvalho e Burity (2005), dentre outros. Entretanto, destaca-se a diversidade de abordagens, que incluem áreas como a didática, a psicologia, a sociologia. Raros são os trabalhos com enfoque sociológico e/ou ênfase nas relações família-escola.

⁴ A proposta inicial era basear o estudo nas escolas Lua e Sol. Entretanto, a autorização para a pesquisa na escola Lua demorou a ser obtida. Iniciamos a investigação em outra escola privada à qual tivemos acesso mais fácil (Estrela). Ao obtermos a autorização da escola Lua, decidimos manter as duas escolas privadas no estudo, já que elas se localizam em diferentes regiões e possuem trajetórias distintas na comunidade, interessando-nos verificar possíveis efeitos dessas nuances na relação família-escola.

concepções e as práticas escolares em relação ao dever de casa, foram realizadas observações em sala de aula, análise de documentos e entrevistas com os profissionais das escolas. Já na segunda etapa, para investigar as concepções e práticas familiares, aplicou-se um questionário aos pais de alunos da 3ª série⁵ e realizaram-se entrevistas semi-estruturadas com 10 famílias de cada escola, perfazendo, no total, 30 entrevistas⁶. Neste texto serão explorados dados oriundos dessa segunda etapa.

2. Alguns resultados da pesquisa: o consenso em torno do dever de casa

Tanto nas respostas ao questionário quanto nas entrevistas, o que se observou, de forma geral, foi o que se poderia caracterizar como um “grande consenso” em torno da importância do dever de casa e da necessidade de sua prescrição pela escola, bem como de seu acompanhamento pelas famílias. Utiliza-se, aqui, o termo “consenso” no sentido de uma “concordância geral de pensamento e sentimento”, que pode esconder “diferenças de ponto de vista nos aspectos secundários do conceito” (Silva, 1987: 247). Assim, a noção de consenso ficou configurada pela ampla aceitação, entre os pais que participaram da pesquisa, do dever de casa como prática importante e necessária, e do acompanhamento parental a esse dever como responsabilidade das famílias, em que pesem os conflitos e tensões daí resultantes, os quais não deixaram de ser mencionados. Constataram-se diferenças de pontos de vista apenas com relação a questões secundárias, como as formas e níveis do acompanhamento a ser feito, a quantidade adequada de dever de casa, dentre outros.

No item do questionário relativo à importância dos deveres de casa (Tab. 1), as porcentagens de resposta correspondentes à avaliação de que os deveres são “muito importantes, indispensáveis” ultrapassaram os 70% em todas as três escolas; e, somadas com as porcentagens correspondentes à opinião de que os deveres “são importantes”, alcançaram valores muito próximos a 100%, nas três instituições.

⁵ O questionário foi enviado às famílias por meio dos alunos, obtendo-se os seguintes índices de resposta: 55% (Estrela), 51% (Lua) e 66% (Sol).

⁶ Para as entrevistas foram selecionadas famílias que, ao responder ao questionário, declararam-se disponíveis para a nova etapa da pesquisa. Nessas condições, buscamos combinar critérios de modo a obter a maior diversificação possível dos sujeitos entrevistados. Alguns desses critérios: nível de formação e profissão dos pais; quem ajuda no dever de casa e quem respondeu ao questionário (pai/mãe); tipo de família (mono ou biparental, número de filhos, etc.); contratação ou não de profissional especializado para ajudar nos deveres; etc.

Também no item relativo às concepções sobre os papéis da família e da escola com relação aos deveres de casa (Tab. 2), apenas uma mãe da escola Sol (2% das respostas) assinalou que “a escola deve organizar e acompanhar os deveres, de modo que a família não precise se envolver com eles de nenhuma forma”. Todas as outras respostas válidas⁷, nas três escolas, indicavam a concordância com alguma forma de envolvimento das famílias, predominando, nas escolas Estrela e Sol, com mais de 50% das respostas, a opinião de que “a família deve acompanhar e apoiar de diversas formas a realização dos deveres, não se podendo deixar somente para a escola a responsabilidade pela aprendizagem da criança”. No Colégio Lua, a maior parte dos sujeitos se dividiu entre essa afirmação (36% das respostas) e a de que família e escola devem negociar o tipo de apoio necessário (44%).

TABELA 1

Importância dos deveres de casa na vida escolar da criança

Escola	Nº de questionários respondidos	Avaliação das famílias (em % de respostas)				Respostas em branco ou anuladas*
		a) São muito importantes, indispensáveis.	b) São importantes	c) São pouco importantes	d) São desnecessários, não deveriam existir.	
Estrela	95	76	23	-	-	1
Lua	22	77	23	-	-	-
Sol	43	72	19	-	2	7

* As repostas foram anuladas por terem sido marcadas duas opções.

FONTE: Questionário respondido pelos pais ou responsáveis pelos alunos (2004).

TABELA 2

Papéis da família e da escola em relação ao dever de casa

Opinião	% de respostas		
	Estrela	Lua	Sol

⁷ Nessa questão houve, na escola Sol, uma alta porcentagem de respostas em branco ou anuladas. Atribuímos tal resultado à maior complexidade da questão, considerando o baixo nível de escolaridade dos pais de alunos dessa escola.

a) A escola deve organizar e acompanhar os deveres, de modo que a família não precise se envolver com eles de nenhuma forma.	0	0	2
b) O dever de casa é uma atividade escolar e, portanto, a responsável é a escola. Cabe à família apenas apoiar a sua realização.	16	15	2
c) A família deve acompanhar e apoiar de diversas formas a realização dos deveres. Não se pode deixar somente para a escola a responsabilidade pela aprendizagem da criança.	51	36	56
d) Escola e família devem negociar o tipo de apoio necessário para a realização dos deveres de casa, de acordo com a faixa etária e as necessidades de cada criança.	29	44	2
e) Respostas em branco ou anuladas (por marcarem dois itens simultaneamente).	4	5	38

FONTE: Questionário respondido pelos pais e/ou responsáveis pelos alunos (2004).

Quanto às entrevistas, não seria cabível, neste trabalho, um aprofundamento em suas nuances. Confirma-se nelas o consenso no que se refere às duas questões mencionadas acima (importância dos deveres / papéis da família e da escola), havendo também variações, basicamente, em relação a aspectos secundários. Nas entrevistas se expressaram diversas tensões e conflitos relacionados aos deveres de casa; mas, pelos depoimentos colhidos, essas dificuldades não chegam a colocar em questão, na percepção das famílias entrevistadas, a importância dos deveres e do envolvimento parental em relação a eles.

Para as famílias de camadas médias entrevistadas⁸, o dever de casa é considerado de grande importância devido, sobretudo, à possibilidade de revisão dos conteúdos estudados na escola e à formação do hábito de estudo, dentre outros aspectos (trabalho individual com os conteúdos abordados na escola; ocupação do tempo da criança; oportunidade de participação dos pais na vida escolar dos filhos; etc.):

“Pra mim é... hoje em dia, como nenhum menino gosta de estudar, acho que é uma forma de... de fixar o que ele aprendeu durante o dia. Porque se depender dele ele não vai sentar.(...) Então é fundamental, acho fundamental o Para Casa. (...) Pra forçar o estudo e a fixação da matéria. (...) Nem com o Para Casa você não consegue controlar se ele está estudando... sem o Para Casa é um abraço, né? Adeus! Adeus!”

(Roberto, 31 anos⁹, advogado, 2 filhos - Colégio Estrela).

⁸ Entrevistaram-se 8 mães e 2 pais de alunos do Colégio Estrela e 10 mães de alunos do Colégio Lua. As entrevistas aconteceram: na residência dos sujeitos (11); no seu local de trabalho (7) ou na escola (2). Na maior parte dos casos, trata-se de famílias biparentais (apenas uma família da Escola Lua com pais separados), com 1 a 3 filhos, em que pai e mãe têm, predominantemente, ocupações de nível superior.

⁹ Todas as idades dos entrevistados correspondem ao ano de aplicação do questionário (2004).

Para os entrevistados, é responsabilidade das famílias o acompanhamento dos deveres, pois isso faz parte da educação mais geral do(a) filho(a):

“Tem pessoas que não têm condição de fazer isso [acompanhar os deveres de casa], não têm saco pra fazer isso, não têm paciência, ou acham que isso realmente não é problema delas, mas não é minha postura. Eu não acho que eu tenho que ficar ensinando o Hugo aqui em casa, tá certo? (...) Ele fala, ‘não sei, não entendi’, tem coisa que nem eu entendo, então eu falo: ‘olha, deixa aí e pergunta pra professora’. (...) Agora, olhar o que que ele tá fazendo, o que ele tá aprendendo, por que ele tá fazendo aquela letra horrível se ele pode fazer uma letra melhor, entendeu? Por que que a professora pediu dois parágrafos e ele escreveu só duas linhas? Como diz, faz parte da criação de um filho hoje! Entendeu? Não é você deixou lá na escola e acabou, ele se vira.”

(Paula, 39 anos, empresária, um filho, Colégio Estrela).

Nas famílias de camadas populares¹⁰, o dever de casa é considerado importante por todas as mães e pelo pai entrevistado, sendo geralmente associado a um complemento da aprendizagem realizada na escola e valorizado pela possibilidade de revisão e maior apreensão dos conteúdos:

“Porque eu acho que não adianta ele estudar só lá na escola. O que ele aprendeu lá, ele trazendo o exercício pra fazer durante o final de semana, por exemplo... porque durante a semana até que vem uma boa quantidade de exercício, mas na sexta-feira deveria ser um pouquinho mais. Porque naquilo ali eles vão aprender cada vez mais, esforçar, ter boa vontade de continuar estudando. (...)”

[Não matricularia os filhos numa escola que não tivesse deveres de casa] *Porque não adianta você estudar só na escola. Não adianta nada você aprender lá, saiu de lá de dentro, já esqueceu tudo. É a mesma coisa de entrar na igreja, rezar lá dentro, quando você sai do lado de fora, você não sabe mais nada do que o padre falou, não adianta nada.”*

(Maria das Dores, 45 anos, empregada doméstica, 7 filhos – Escola Sol).

¹⁰ Foram 9 entrevistas com mães de alunos e uma entrevista com pai e mãe simultaneamente; todas na residência das famílias, com exceção de uma, com a Sra. Vilma, que ocorreu na lojinha mantida por ela. Dentre as famílias, 6 são biparentais; em um caso, a mãe é viúva; em dois casos, a criança mora com a mãe e o atual companheiro desta; em um caso, a mãe é solteira. Em geral, os entrevistados exercem ocupações manuais, com baixo nível de instrução. Aproximadamente metade das famílias têm até 3 filhos e a outra metade tem entre 4 e 7 filhos.

Também para os entrevistados da Escola Sol, o acompanhamento dos deveres de casa faz parte das responsabilidades dos pais em relação aos filhos e serve como estímulo para o envolvimento destes com a escola:

“Porque eu acho que a família tem que ajudar, porque se é seu filho que tá lá pra aprender... se ocê não contribuir, se ele chegar lá e falar, ‘hoje eu não vou fazer, a minha mãe não tá nem aí mesmo’, então ele não vai fazer, agora se ele vê que ocê acha que é importante pra ele, ele fala, ‘não, minha mãe acha que é importante pra mim, então eu vou fazer’, e vai tentar melhorar mais.”

(Marina, 28 anos, faxineira, 1 filho – Escola Sol).

Os entrevistados não deixam de expressar, em suas falas, as dificuldades desse acompanhamento, em função de fatores como pouco tempo dos pais, sua baixa escolaridade e conseqüente falta de domínio dos conteúdos escolares ou mesmo das formas discursivas utilizadas nos deveres. Entretanto, ao invés de se posicionarem contra os deveres de casa, reafirmam sua importância e apontam algumas alternativas – seja da parte da escola, que deveria, dentre outras sugestões, propor deveres com enunciados mais claros, seja da parte das próprias famílias, que demonstram, por exemplo, freqüentemente recorrer a vizinhos e parentes em busca de ajuda.

Dentre as entrevistas realizadas com as mães/pai da Escola Sol, cabe destacar uma delas, feita com a única mãe que, no questionário, marcou as opções: “os deveres de casa são desnecessários, não deveriam existir” e “a escola deve organizar e acompanhar os deveres de modo que a família não precise se envolver com eles de nenhuma forma”. Na entrevista, a mãe justificou essas respostas pela falta de condições de acompanhar os deveres dos filhos:

“(...) quando meu filho era pequenininho, ele caiu, quebrou a cabeça em três lugares. Então eu vivo de psicólogo, de psiquiatra, de médico de cabeça, eu não tenho tempo de sentar e ensinar. Então... e geralmente, as crianças que tão aqui na Sol, é o seguinte: eles nem aprendeu a fazer o ‘a, e, i, o, u’, eles já tão mandando uns deveres que nem EU, nem EU sei explicar! Então eu fiquei tão nervosa com esse dever de casa que tava vindo, que eu não tinha tempo pra ensinar. E eles tava tomando nota baixa na escola! (...) porque dever de casa é normal, tem em todo colégio. Só que naquele instante que chegou aquela folha pra mim, tava muito tumultuada a minha vida... (...) Eu achava que o dever de casa não era bom o professor mandar pra casa. Dever de casa devia ser agilizado na escola. Esse é o meu ponto de partida.”

(Vilma, 33 anos, comerciante, 2 filhos – Escola Sol).

Entretanto, em momentos posteriores da entrevista, a mãe destacou que seu questionamento não era em relação aos deveres de casa em si, e sim à falta de um serviço de apoio para famílias em situações como a sua. Tentara, em vão, obter vaga para os filhos em um Projeto existente na Escola Sol, no qual várias crianças ficam na escola no turno contrário ao das aulas regulares, para oficinas e atividades diversas, dentre elas a realização do dever de casa. Na época de realização da entrevista, conseguiu uma vaga para o filho mais novo em uma Fundação, na qual ele fazia aulas de reforço e acompanhamento do dever, o que a deixara aliviada:

“Então agora, eu não tenho que reclamar do dever de casa, porque ele tem duas vezes na clínica da Fundação (...), terças e quintas, e tem a escola todos os dias aqui. Agora a dificuldade dele... quando ele tem aqui, ele aprende lá, quando ele aprende lá, quando eles começam a ensinar aqui, já tá sabendo. (...)

Agora, graças a Deus, eu já não tenho aquela... aquele nervosismo no dever de casa, porque meu filho tá com assistência em outro lugar, que seria [deveria ser] aqui na própria escola, que eu não tive assistência aqui. (...)

Poderia ter uma professora, uma só de plantão na escola, pra ajudar aqueles que têm muita dificuldade, que a mãe não saiba ensinar em casa. (...) Eu acho que o dever de casa devia ser mais... apropriado pra escola mesmo. Por exemplo, todo mundo entrou na sala, [a professora perguntaria] ‘cadê seu dever de casa, fulano?’. Todo mundo apresentava o seu, ‘por que cê não fez, meu filho?’. Aí aquela criança ia falar, ‘Minha mãe é analfabeta. Minha mãe não sabe ensinar, professora. E eu não tenho quem me ensina’. Qual era os passo? Ela pararia uns dez minutinho, ensinaria aquela criança o dever de casa. Só depois ela ia pro quadro. Eu achava melhor assim.”

Nesse contexto, a entrevistada afirma a importância do dever de casa:

“Pesquisadora – Então a senhora acha que... o dever em si, a senhora acha que é importante...”

Mãe - É demais. Se nós tivesse apoio de uma professora só no colégio que ficasse com aquelas crianças que têm dificuldade.

Pesquisadora – A senhora acha que a criança... pela criança é bom ter o dever de casa?

Mãe – É bom porque vai incentivando ele, tem mais responsabilidade. Ele chegou em casa, e antes dele ligar uma televisão, e antes dele correr pro quarto, ou ir brincar com brinquedo, ele sabe que tem a tarefa de casa.”

(Trecho de entrevista de pesquisa com a Sra. Vilma – Escola Sol)

3. Problematizando o consenso e seus possíveis significados

Identificado, no grupo de famílias investigadas, um consenso em relação à importância do dever de casa e de seu acompanhamento pelos pais, torna-se necessário problematizar esse achado, pelo confronto com outros resultados de pesquisa, pela discussão de aspectos metodológicos e pela busca de referenciais teóricos capazes de amparar as possíveis análises.

Por um lado, uma série de elementos pode levar a considerar pouco surpreendente uma grande aceitação, pelos pais, do dever de casa e do acompanhamento parental a ele como práticas necessárias. Em primeiro lugar, destaca-se a importância assumida pela escolarização na sociedade atual e o valor do capital escolar nas estratégias de ascensão ou de reprodução social das famílias (Singly, 2000). Nesse contexto, que tende a suscitar maiores investimentos familiares na escolaridade dos filhos, a prescrição de deveres de casa pode encontrar ressonância nas lógicas de diferentes grupos. No caso das camadas médias¹¹, a intensa adesão aos valores e exigências escolares, bem como o “ethos ascético do esforço escolar” (Nogueira, 1991), marcam um modelo de escolarização no qual a mobilização em torno dos deveres de casa encontra sua expressão mais típica (Carvalho, 2000). No que se refere às camadas populares, por sua vez, estudos vêm apontando que, dentre os princípios organizadores de sua relação com a escola, encontra-se a *lógica do trabalho*, pela qual se associa a qualidade das aprendizagens à quantidade de trabalho desenvolvido pela criança, sendo comum, nesse contexto, a reivindicação dos pais por mais deveres de casa (Queiroz, 1995; Thin, 1998).

Um elemento que vem se somar aos já apresentados, certamente influenciando nas representações familiares a respeito do dever de casa, é a difusão de uma “ideologia da colaboração” e de um discurso que preconiza a parceria entre família e escola como importante fator de sucesso escolar dos filhos (Nogueira, 2005). Pesquisas bastante divulgadas pela mídia demonstram relações positivas entre o envolvimento dos pais na vida escolar dos filhos e o desempenho acadêmico destes¹². No Brasil, grande parte desses estudos tem sido feita a partir dos dados do Saeb, destacando a realização das lições de casa, juntamente com a cobrança destas pelos pais, como um dos fatores de

¹¹ Trata-se aqui dos dois meios sociais envolvidos na pesquisa - “camadas médias” e “camadas populares” - de modo muito geral, apesar de se saber da existência de variações importantes entre as frações de classe (Nogueira, 1991).

¹² Nogueira (2005) e Carvalho e Burity (2005) apresentam alguns exemplos dessas pesquisas.

maior impacto no rendimento escolar dos alunos¹³. Nesse contexto, multiplicam-se as iniciativas e os materiais de divulgação destinados a orientar as famílias sobre como acompanhar a vida escolar e, especificamente, os deveres de casa dos filhos¹⁴.

Diante de tudo isso, seria até certo ponto previsível a predominância, entre as famílias, de uma visão favorável à realização dos deveres de casa e ao envolvimento parental com relação a eles. Por outro lado, na pesquisa aqui apresentada, não deixa de ser digna de nota uma homogeneidade tão grande das posições a respeito dessas questões, especialmente considerando as contradições e impasses existentes em torno do tema, já mencionados neste texto e ultimamente retratados em alguns trabalhos acadêmicos, como se exemplifica a seguir.

Nogueira (2002) entrevistou, através de questionários, 134 pais de alunos de 1ª à 5ª série, de escolas públicas e privadas de Goiânia. A autora não apresenta dados quantitativos sobre a avaliação das famílias a respeito da importância do dever de casa, mas menciona que “*uns [pais] se posicionaram a favor da manutenção da TC [tarefa de casa], outros pela extinção*” (p. 89), apresentando depoimentos principalmente relativos à segunda posição. Como o enfoque de sua pesquisa é didático, Nogueira enfatiza as sugestões e reclamações das famílias a respeito do dever de casa, não explicitando em que proporção os sujeitos entrevistados consideram ou não o acompanhamento dos deveres como responsabilidade dos pais.

Franco (2002), em seu estudo com camadas médias, sobre as práticas familiares em relação ao dever de casa, analisou questionários respondidos por 256 pais de alunos de 3ª e 4ª séries de Belo Horizonte e realizou entrevistas com 30 desses pais. A autora também não discrimina quantitativamente os aspectos enfatizados no presente trabalho. Pode-se depreender, da leitura de seu texto, que a maior parte das famílias considera ser obrigação dos pais ajudar as crianças em seus deveres, ressalvando que essa ajuda deve ser mais indireta (orientações, estímulo, etc) do que direta. A pesquisadora cita

¹³ Em 11/07/2003, divulgou-se no *site* do Inep (www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb/news03_07.htm) a matéria “Lição de casa é um dos fatores de maior impacto no rendimento dos alunos”, com base em estudo feito pelo prof. Francisco Soares (GAME/UFMG) a partir de dados do Saeb. Em uma busca no portal de teses da Capes, encontram-se outros estudos feitos com base no Saeb que apontam a realização dos deveres de casa como fator favorecedor do desempenho escolar.

¹⁴ Em 2002, o MEC publicou a cartilha “Educar é uma tarefa de todos nós: um guia para a família participar, no dia-a-dia, da educação de nossas crianças”. Em 17/03/2006, o jornal Folha de São Paulo mostrou reportagem sobre iniciativas de escolas privadas de São Paulo para orientar os pais em relação ao acompanhamento das lições dos filhos: reuniões, palestras e até o “professor delivery”, que visita a casa do aluno para organizar a realização dos deveres. Em 8/02/2006, a revista Veja publicou um pequeno “Guia” para os pais sobre como ajudar na rotina escolar dos filhos, incluindo sugestões de um especialista norte-americano em relação à participação dos pais nas tarefas escolares.

reclamações dos pais sobre o dever de casa, especialmente em uma das escolas investigadas, e menciona também o caso de pelo menos um “pai consumidor” (p. 79), o qual considera que, sendo a escola uma empresa de prestação de serviços que é paga para a instrução de seu filho, a responsabilidade dela pelo dever de casa deveria ser total, cabendo à família apenas o incentivo aos estudos.

Carvalho e Burity (2005), discutindo as concepções e práticas de mães e professoras em relação ao dever de casa, apresentam resultados de entrevistas com nove mães de alunos de escolas públicas e cinco de colégios privados, com filhos nas 3^a e 4^a séries, em Campina Grande (PB). Segundo as autoras, as mães de alunos de escolas públicas expressaram, inicialmente, visões positivas sobre o dever de casa, ressaltando sua importância, mas no decorrer das entrevistas revelaram dificuldades. Algumas chegaram a afirmar que seria melhor não haver tarefas de casa. Também as mães de escolas privadas, que afirmaram não ter problemas com o dever de casa, acabaram sinalizando um clima estressante em relação a ele, embora com questões menos dramáticas que na escola pública.

Enfim, os estudos apontados indicam algumas dissonâncias em relação às questões enfocadas neste trabalho, embora não permitam estabelecer qual a proporção em que tais dissonâncias se apresentam, nas populações investigadas. Não se encontraram, até o momento, outras pesquisas que apresentassem essas questões em termos estatísticos, inviabilizando comparações mais diretas com os dados aqui discutidos.

No que se refere a esta pesquisa, é importante frisar que os dados não estão sendo tomados como representativos de toda a população-alvo, já que os procedimentos metodológicos não foram organizados com tal objetivo. Assim, mereceu reflexão o possível perfil dos pais e/ou responsáveis que efetivamente participaram da investigação. Como já registrado, a forma de contato com as famílias foi o questionário enviado por meio dos alunos, o qual continha cinco páginas de questões fechadas. Uma hipótese plausível é a de que a própria disponibilidade em responder ao questionário seja maior entre os pais que possuam disposições e/ou condições favoráveis à participação na vida escolar dos filhos. Entre esses pais, conseqüentemente, a valorização do dever de casa e do acompanhamento das famílias a ele pode tender a ser maior. Segundo esse raciocínio, pode ser que haja, nas escolas investigadas, um grupo de pais contrário à prescrição de tarefas de casa ou ao envolvimento das famílias com as mesmas, o qual não tenha sido representado nos resultados - sem significar,

evidentemente, que todos os pais que não responderam ao questionário se encontrem nesse grupo.

Posto isso, cumpre, por outro lado, ressaltar que, em se tratando de questionários aplicados à distância, a porcentagem de resposta obtida nas três escolas foi importante¹⁵, não deixando de ser significativos e merecedores de análise os achados. Da mesma forma, nas entrevistas também foi marcante, de modo geral, a ênfase dos pais na defesa das posições já explicitadas, mesmo quando confrontados com posições divergentes a respeito do tema em questão, inclusive atribuídas a especialistas.

Assim, pode-se concluir que há, nas escolas investigadas, um grupo significativo de pais para quem o dever de casa é importante ou mesmo indispensável na escolaridade dos filhos, e que consideram ser seu papel o acompanhamento a esses deveres, ainda que isso represente desgastes e tensões no dia-a-dia familiar¹⁶. Como, então, atribuir sentido a esse achado? Tratar-se-ia apenas de uma “naturalização” do dever de casa (Paula, 2000) a partir da sua tradição e da pregnância dos discursos a seu respeito? Seguindo as indagações de Paula (2000: 30), *“por que a escola parte do pressuposto de que o aluno tem um tempo livre em casa, e que este tempo precisa de regulamentação, ordenação e ocupação? Por que os pais aceitam?”*.

No processo de análise dos dados envolvidos neste trabalho, não nos tem parecido suficiente pensar no movimento de valorização do dever de casa do ponto de vista da imposição de políticas neoliberais que transferem responsabilidades educacionais do Estado para as famílias (Carvalho, 2004). Também não nos parece adequado reduzir os pontos de vista expressos pelos entrevistados a uma aceitação tácita de padrões culturais e ideológicos dominantes. Em que pese a importância da reflexão crítica sobre as questões mencionadas, mostrou-se necessário buscar um referencial mais amplo de análise, o qual temos encontrado, até o momento, na discussão efetuada por alguns autores a respeito da dominância, na sociedade atual, da forma escolar ou do

¹⁵ Marconi e Lakatos (1990) apontam uma média de 25% de devolução para questionários aplicados à distância; Selltiz, Wrightsman e Cook (1987) indicam que, no caso de questionários enviados pelo correio, a média de devolução é de apenas 10 a 15%. As médias obtidas nas escolas Lua, Estrela e Sol, todas acima de 50%, são, portanto, significativas, podendo-se supor que tenham sido favorecidas pelo contexto específico de relações família-escola.

¹⁶ Sem pretender uma comparação direta, vale ressaltar, aqui, os resultados do Saeb 2003, em relação à questão: “Seus pais ou responsáveis cobram se você fez a lição de casa?”. No caso da 4ª série, houve, para Língua Portuguesa e Matemática, respectivamente, um índice de 63,8% e 63,2% de respostas “sempre ou quase sempre”; e 25,4% e 25,8% de respostas “de vez em quando” (www.inep.gov.br/imprensa/noticias/saeb/news04_13.htm. Acesso em 28-07-2004). Não sendo possível, evidentemente, avaliar as concepções das famílias a partir daí, pode-se deduzir, entretanto, que quase 90% das famílias dos alunos têm algum tipo de envolvimento com seus deveres de casa.

modo escolar de socialização (Queiroz, 1995; Thin, 1998; Vincent, Lahire e Thin, 2001).

Segundo Queiroz (1995), a expressão “forma escolar” é empregada, inicialmente, por Guy Vincent¹⁷, para designar o surgimento, na época moderna, de algo mais vasto e profundo que uma nova instituição: uma nova forma social e, com ela, um novo modo de socialização. Tentando resumir as contribuições dos autores acima, ainda que de forma bastante sucinta e superficial, trata-se da substituição progressiva de um modo de socialização que se dá na prática, por imersão, incorporação e imitação, sem a constituição de saberes e discursos autônomos em relação aos fazeres, por um outro modo de socialização baseado na relação pedagógica impessoal entre um mestre e um aprendiz, relação essa que é autonomizada das outras relações sociais, baseando-se em regras impessoais e contando com formas específicas de organização do tempo e do espaço. Além disso, a objetivação dos saberes e dos discursos marca esse novo modo de socialização, no qual a escrita tem papel decisivo. O surgimento da forma escolar é inseparável, também, da constituição da noção moderna de infância, que implica em uma separação entre o mundo infantil e o mundo adulto, tornando-se as crianças objeto de ações educacionais específicas, a elas adaptadas. Finalmente, tal forma só pode ser compreendida em ligação com a emergência de um novo modo de regulação da vida social, de novos modos de subjetivação e de exercício do poder.

Segundo os autores tratados, o modo de socialização escolar, ultrapassando as fronteiras da própria escola, tem se estendido e generalizado, tornando-se dominante nas sociedades atuais (o que não significa que não encontre resistências ou que seja homogêneo internamente). Dentre diversos exemplos dessa dominância, apresentados por Vincent, Lahire e Thin (2001), destacam-se aqui, pela pertinência em relação ao tema deste trabalho, as preocupações pedagógicas de um número crescente de famílias em relação ao tempo livre dos filhos, buscando ocupá-lo com atividades que proporcionem tanto a aquisição de saberes específicos quanto a aprendizagem da disciplina, o desenvolvimento do gosto pelo esforço, etc. Para os autores,

“Quando se observam, hoje, as relações entre adultos e crianças nas nossas formações sociais, fica patente a propensão de transformar cada instante em um instante de educação, cada atividade das crianças em uma atividade educativa, isto é, uma atividade cuja finalidade é formá-las, formar seus

¹⁷ VINCENT, Guy. *L'école primaire en France*. Lyon: PUL, 1980. apud Queiroz, 1995, *op. cit.*

corpos, formar seus conhecimentos, formar sua moral...” (Vincent, Lahire e Thin, 2001: 43)

Parece-nos mais factível explicar, nesse contexto, a valorização, pelos pais, do dever de casa, uma vez que ele regula, ordena e ocupa uma parte do tempo da criança no lar, destinando-o a diferentes aprendizagens e pretensamente potencializando o próprio processo de escolarização. Tal valorização se integraria, assim, a uma forma dominante de pensar a infância e a sua educação. É nesse panorama que se pode compreender afirmações como a de Paula, mãe de aluno da escola Estrela: acompanhar os deveres de casa “*faz parte da criação de um filho hoje*”. Mais do que a incorporação de um discurso dominante, parece-nos tratar-se, então, da dominância de um modo de socialização.

4. Considerações finais

Neste texto se buscou desenvolver um esforço de reflexão e análise em torno de um conjunto de dados sobre concepções de famílias de camadas médias e de camadas populares em relação ao dever de casa. Cabe destacar que não se pretendeu, aqui, defender ou criticar essa prática escolar e cultural, mas, principalmente, procurar compreender os seus possíveis significados para os atores sociais. Ao se propor, como hipótese interpretativa, que os pontos de vista identificados se relacionam à dominância do modo escolar de socialização, também não se tem a intenção de justificar esses pontos de vista; apenas se esboça uma tentativa de explicá-los e contextualizá-los.

Com certeza, aspectos importantes relativos ao tema escaparam à presente análise – seja pela limitação de espaço, seja pela focalização adotada e pela linha argumentativa construída. Um exemplo de questão a ser aprofundada em outras oportunidades, que a reflexão desenvolvida nos aponta, é a discussão dos conflitos e tensões vivenciados em relação aos deveres de casa como, dentre outros aspectos, expressão de continuidades e discontinuidades entre padrões de socialização. Fica a ressalva de que não se procurou negar a existência desses conflitos e tensões, mas problematizar como se constrói, para além deles, um relativo consenso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 110, p. 143-155, jul. 2000.

_____. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 94-104, jan-abr. 2004.

_____. *Rethinking family-school relations: a critique of parental involvement in schooling*. Mahwah, New Jersey, USA: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.

CARVALHO, M. E. P., BURITY, M. H. Dever de casa: visões de mães e professoras. *XXVIII Reunião Anual da Anped*, Caxambu/MG, out. 2005. Disponível na Internet: <http://www.anped.org.br/28/textos/gt14/gt141575int.rtf>

FRANCO, O. C. M. *Práticas familiares em relação ao dever de casa: um estudo junto às camadas médias de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2002. Dissertação de Mestrado.

JUNQUEIRA, R. T. *A questão da tarefa de casa no último período da educação infantil*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. Dissertação de Mestrado.

MARCONI, M.A., LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1990.

NOGUEIRA, M. A. Trajetórias escolares, estratégias culturais e classes sociais: notas em vista da construção do objeto de pesquisa. *Teoria & Educação*, n. 3, 1991. p. 89-112.

_____. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. *XXVIII Reunião Anual da Anped*, Caxambu/MG, out. 2005. Disponível na Internet: <http://www.anped.org.br/28/textos/gt14/gt14214int.rtf>

NOGUEIRA, M. G. *Tarefa de casa – uma violência consentida?* São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PAULA, F. A. *Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para professoras*. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2000. Dissertação de Mestrado.

QUEIROZ, J. M. *L'école et ses sociologies*. Paris: Nathan, 1995.

RODRIGUES, R. M. G. *Dever de casa e desempenho acadêmico na disciplina matemática das 3ª e 4ª séries do ensino fundamental*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1996. Dissertação de Mestrado.

SAKAMITI, I. B. C. *Dever de casa e aproveitamento escolar: afinal de contas, de quem é o dever?* Presidente Prudente/SP: UNOESTE, 2003. Dissertação de Mestrado.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L.; COOK, S. *Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais*. 2ª ed. S.Paulo: EPU, 1987. (Vol. 2: Medidas na pesquisa social).

SILVA, B. (coord.). *Dicionário de ciências sociais*. Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.

SINGLY, F. L'école et la famille. In: VAN ZANTEN, A. (dir.). *L'école, l'état des savoirs*. Paris: La Découverte, 2000.

THIN, D. *Quartiers populaires: l'école et les familles*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 1998.

VINCENT, G., LAHIRE, B., THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, jun. 2001, p. 7-47.